



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 5, volume 5, artigo nº 18, Julho/Dezembro 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a18>
Edição Especial

A PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO AO PACIENTE AUTISTA

Rafaela Lopes Gomes dos Santos Oliveira
Graduanda em Enfermagem – UniRedentor

Aline Cunha Gama Carvalho
Professora Msc – UniRedentor

RESUMO

Este estudo teve como objetivo averiguar a percepção do enfermeiro no atendimento ao paciente autista com foco no autismo infantil, tendo como base as demandas apresentadas pelos pacientes e por sua respectiva família, considerando que os profissionais enfermeiros possuem uma grande possibilidade de auxílio na melhoria da qualidade de vida dessa criança, visto que são os primeiros a detectarem algumas alterações no desenvolvimento e comportamento. Trata-se de um estudo de abordagem teórica bibliográfica, desenvolvida embasada em artigos e livros e bases online (LILACS, SCIELO, REVISTA DE ENFERMAGEM, CONBRACIS, POPSIC...) utilizados os métodos de inclusão, artigos entre os anos de 2000 a 2018. Como resultados, identificou-se que o profissional enfermeiro deve avaliar os sinais e sintomas do autismo, e assim, a assistência e diagnóstico de pacientes com suspeita de autismo. Além disso, o enfermeiro deve acompanhar e auxiliar as famílias que possuem membros portadores de autismo, dando assistência, encorajando-o, transmitindo a eles segurança, focando em seu bem-estar no sentido integral, esclarecendo dúvidas, incentivando o tratamento, oferecendo acompanhamento eficaz a esse paciente, cuidando de forma humanizada, buscando assim uma evolução em seu prognóstico.

Palavras-chave: Percepções profissionais; Autismo; Enfermagem

INTRODUÇÃO

Segundo Manual Diagnóstico de Doenças Mentais (DSM-V) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que acomete o desenvolvimento global de crianças, mais precisamente em seus três primeiros meses de vida, tendo como dificuldades na interação social, na comunicação e no comportamento. Geralmente os sintomas são visualizados pelos pais, que relatam que seus filhos possuem diferenças comportamentais em relação a outras crianças, como por exemplo, não gostam de carinho, se isolam, não conseguem manter contato visual e mais tardiamente apresentam também dificuldade com mudanças de rotinas, movimentos estereotipados e repetitivos, déficit na fala e nas interações sociais.

Gilberto (2008) afirma que o autismo é encontrado em todos os grupos socioeconômicos, tendo incidência de um caso para cada 1.000 habitantes, atingindo três meninos para cada pessoa do sexo feminino. No entanto, é importante ressaltar que o grau de severidade nas meninas é maior, não tendo nenhuma causa definida, mas havendo indícios de que sejam distúrbios hereditários. Setenta milhões de pessoas no mundo são portadoras, sendo dois milhões delas, no Brasil. Devido a isso, no Brasil foi sancionada a Lei 13.861/2019 que inclui dados específicos sobre autismo no Censo do IBGE.

Intervenções precoces visam reverter ou amenizar tais dificuldades iniciais, de modo que não ocasionem outras complicações no desenvolvimento da criança. Abordagens desenvolvimentistas em países como Estados Unidos e Inglaterra tem sido o alicerce para essas intervenções precoces usadas nas crianças com TEA, pois apesar de não ter cura, tendo a terapêutica mais adequada auxilia assim o prognóstico e a qualidade de vida da criança e de sua família. Salientando que o diagnóstico é clínico, sendo feito a partir de observações e entrevistas com os pais das crianças.

A evidência da patologia, apesar de primeiramente os pais notarem diferença entre as outras crianças e o seu filho, quem tem a percepção inicialmente é o enfermeiro, tendo em vista que são os profissionais responsáveis pela triagem neonatal nas UBS ou ambulatórios, que são os locais onde geralmente realizam esse processo de avaliação infantil, tanto no desenvolvimento quanto na interação social da criança. Por este motivo, é necessário e de suma importância que estes profissionais estejam preparados e com os olhares aguçados para quaisquer alterações que forem notadas por eles.

São imprescindíveis que a equipe de enfermagem deva estar atenta as formas que a afetividade doada por eles geram na melhoria dos sintomas e o desenvolvimento de tais crianças, tendo como principal estratégia de intervenção precoce, pois podem cooperar de forma muito eficiente tendo o vínculo paciente-enfermeiro e também ter a inclusão da família, que muito sofre com os estigmas das pessoas.

Esse vínculo é fundamental, uma vez que o enfermeiro desempenha o papel de obter um olhar cuidadoso e holístico para com os pacientes e suas devidas famílias, desprovido de preconceito e sim a disposição para ajudar nas necessidades dos pacientes. Muitas vezes essa família não vai dizer com palavras claras o contexto em que vivem, quais são as dificuldades encontradas e quais as necessidades abordadas, mas cabe ao enfermeiro ler as entrelinhas e oferecer a escuta e a assistência diferenciada para que possa criar a

afetividade e a confiança da família neste profissional e assim traçar um plano terapêutico visando a singularidade de cada criança ou paciente autista.

Se tratando do atendimento, é necessário que haja uma equipe multidisciplinar para atendê-lo eficientemente com pediatra, psiquiatras, enfermeiros, psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista, fisioterapeuta, permitindo que as intervenções sejam adequadas e que facilitem o desenvolvimento e a interação da criança, conseqüentemente melhorando sua qualidade de vida. Cada profissional é responsável por uma área, sendo assim dita, mas que de modo completo seja acrescentado para melhoria e diminuição dos sintomas da patologia.

Sena et al (2015) afirma que o profissional enfermeiro pode contribuir também, analisando o comportamento da criança através da consulta de investigação, como também pode ajudar seus cuidadores por meio do suporte e expando como os cuidados serão adotados. Bertone e Wingster (2016) complementam o raciocínio expressando que o profissional é orientado através da escala de Teste de Triagem do Desenvolvimento – DENVER II que nos informam quais são os marcos atingidos do desenvolvimento de tal paciente, desse modo garantindo uma análise do desenvolvimento investigado, apontando suas presenças e ausências e a periodicidade de seus comportamentos.

Apesar da relevância do tema relacionado ao autismo, atualmente ainda existe um déficit em publicações científicas e aprimoramento em algumas áreas sobre o cuidado com as crianças com TEA, desde suas perspectivas a como o convívio com a família gera melhorias nos sintomas. Segundo Nogueira, Rio (2011) é fundamental que o profissional de enfermagem tenha conhecimento para avaliar os sinais e sintomas do autismo, para que haja uma intervenção satisfatória no tratamento e melhora do paciente.

Mediante ao conceito do TEA e reconhecendo o contexto da situação familiar, o presente estudo consiste conhecer a percepção que os profissionais de enfermagem possuem tem nos atendimentos a autistas. Conhecendo os desafios vivenciados por parentes de crianças com diagnóstico de TEA e as estratégias usadas para sua superação.

Visando que a equipe de enfermagem oriente e acompanhe a família e cuidadores dos mesmos, criando estratégias voltadas a minimizar os impactos que a doença traz ao paciente e seus familiares. Conscientizar os pais quanto às possíveis alterações em seu filho direcionando ao diagnóstico precoce e como é importante a parceria da equipe multidisciplinar juntamente com os pais.

OBJETIVOS

Conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista;
Analisar o atendimento a autistas;
Averiguar a importância da afetividade frente às crianças com TEA;
Verificar a percepção do enfermeiro no atendimento a autistas

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem teórica desenvolvida embasada em artigos e

livros. Sendo utilizados artigos de 2012 a 2018, para dados de busca foram usados Transtorno Autístico, Transtorno do Espectro Autista, Cuidados de Enfermagem e os critérios de inclusão foi relacionado com o tema do TEA infantil, e foram excluídos aqueles que mesmo abordando a mesma temática não visasse à assistência de enfermagem com a criança portadora do autismo.

DISCUSSÃO

Alguns autores certificam-se de que os pais das crianças portadores de autismo demonstram muita angústia após receber o diagnóstico da doença e tendem a desenvolver sintomas emocionais como estresse e desvalorização. Esses problemas emocionais podem estar vinculados a diversos fatores como: as comparações ou associações com outras crianças da mesma família ou crianças próximas, a rotina diária de terapias, as visitas diárias ao médico, remédios, fatores financeiros, sendo evidente o aumento nos gastos da família. Paniagua (2004) ressalta que em algumas famílias o nascimento desta criança pode apresentar um movimento de ruptura entre os familiares. Por isso é tão importante que toda a família esteja acolhendo esses pais e essas crianças. O enfermeiro pode auxiliá-los com planejamento familiar para que sejam melhor distribuídas as tarefas e gastos, visando o bem-estar da família e da criança como um todo.

Ao receber o diagnóstico de autismo, muitos desses pais apresentam além dos sintomas emocionais, os sintomas de questionamento e preocupação, dúvidas e medos quanto ao futuro, se seu filho terá ou não uma vida normal, muitos se sentem culpados e procurando identificar influências dos genes. Enfim, é um momento de muitas perguntas: Por que com meu filho? Logo após podem apresentar sintomas de raiva da situação e negação, e somente depois adquirem conhecimento sobre de fato o que é o Transtorno do Espectro Autista. Mediante as informações corretas e o acolhimento da família e dos profissionais começam caminhar para ressignificar o futuro, diminuindo então os sintomas primários, ou seja, os sintomas de não aceitação do acontecimento.

Mais precisamente neste período primário que os pais se encontram vulneráveis aos seus sentimentos e emoções vivenciando alterações sentimentais, pois muitos deles se sentem coagidos perante comentários estigmatizados que as pessoas dizem sobre tais crianças. Como nesta fase os mesmos ainda não possuem muito conhecimento sobre o assunto, se sentem incapazes, visualizando que não irão conseguir suportar tantas mudanças, no entanto, é neste mesmo momento que se desperta o sentimento de solidariedade, união, vínculo familiar, afeto e acolhimento, deixando os pais confortáveis quanto a doença e seguros de que farão e conseguirão o melhor por seu filho.

De acordo com a seguinte pesquisa, atualmente ainda existem profissionais de enfermagem que não possuem conhecimento completo sobre de fato o que é o Transtorno do Espectro Autista e conseqüentemente não sabem como lidar com os mesmos. É necessário um cenário de discussão sobre a temática da assistência de enfermagem a pessoas com autismo, contribuindo para um diagnóstico da realidade local, observando suas fragilidades e possibilitando a ocasião para avaliar a prática profissional Sena et al., (2015).

Os autores citados ressaltam a importância do acompanhamento desta criança em redes de serviço de saúde, monitorando e assistindo todo seu crescimento e desenvolvimento com objetivo de auxiliar no diagnóstico e obter um melhor prognóstico. Segundo Fonseca et al., (2010) terapias em grupo de psicologia em conjunto com a enfermagem mostra-se eficaz no tratamento do TEA, devido ao recurso melhorar aspectos de convivência social da criança, tanto em sua vida familiar quanto em outros contextos.

Também se faz notório a evolução no desenvolvimento psicomotor e comportamental em atividades diárias. Além disso, é de fato importante enfatizar que o cuidado com crianças com TEA é grande desafio, principalmente para profissionais enfermeiros, cuja possuem funções primordiais, no atendimento e nas instruções a família e ao paciente, visando à melhoria na qualidade de vida.

Tendo a mesma linha de pensamento, é necessário que o profissional veja a criança autista de forma única em todas as vertentes, ponderando suas peculiaridades. Sendo assim, pode-se concordar com Sena et al., (2015) quando ressalta que o aumento de estudos científicos sobre o tema do autismo, justifica-se devido ao aumento nos dias atuais das discussões em mídias sociais.

Para Andrade & Rodrigues (2010) os pais também precisam de auxílio e intervenções, pois, muitas vezes não sabem sobre a patologia e precisa de um acompanhamento dos profissionais para que se sinta apto, pois sendo algo novo, se sentem sem experiências, com sentimentos como medo e insegurança e a ajuda dos pais no tratamento e na descoberta do diagnóstico é muito importante, pois um diagnóstico positivo é algo que repercute entre toda a família.

CONCLUSÃO

Perante este estudo foi possível identificar falhas no conhecimento sobre o TEA justificando o porquê de muitos profissionais enfermeiros não saberem lidar com tais crianças. Embora o autismo seja um tema que atualmente vem sendo muito estudado, de acordo com os artigos pesquisados, os profissionais questionados ainda se sentem inseguros para responder sobre o assunto, sempre demonstrando saber a respeito, no entanto com um saber estigmatizado, ou seja, concreto.

Há um déficit que tem sido corrigido através de estudos científicos, no entanto ainda é necessário repensar sobre a importância da saúde mental nos centros de saúde, atualizando os profissionais através de palestras, cursos, materiais informativos, educação continuada para que a equipe esteja apta a observar e conseguir notar os sinais e suspeitas da patologia. Foi visível identificar o interesse de aprendizagem de tais profissionais, das condutas a serem tomadas, da vivência com tais crianças, pois os profissionais sabem o papel importante que possuem, prestando assistência o mais precoce possível, apoiando a família e transmitindo a eles segurança, garantindo aos mesmos o bem-estar familiar e da criança, esclarecendo dúvidas e incentivando o tratamento (SANTOS, 2006).

Quando existe um conhecimento incompleto, sabe-se que podem ocorrer prejuízos no atendimento e com isso muitos casos de autismo que poderiam ser descobertos precocemente, poderão passar por despercebidos aos olhos do enfermeiro. O enfermeiro precisa se integrar de que a rotina não vire rotina, ou seja, com o passar do tempo muita coisa se torna “normal”, o profissional se acostuma e conseqüentemente com isso deixa de ter a mesma visualização de alterações. Por esse motivo é necessário que haja sempre a

educação continuada, para que toda a equipe sempre esteja ligada e em plena sintonia de quão importante é o papel que exercem perante alterações não só com crianças autistas, mas alterações em qualquer setor e com qualquer outro tipo de patologia.

O diagnóstico provavelmente sairá tardiamente e conseqüentemente dificultará o manejo precoce da síndrome, podendo haver um agravamento nos sintomas. Com isso faz-se importante salientar que a assistência de enfermagem prestada a criança autista é de grande importância, sendo ela monitorada em consonância com a equipe multidisciplinar, garantindo o integral atendimento nas mais diversas vertentes do paciente e de sua família.

A importância da intervenção precoce é imensamente alta, pois quando existe descoberta o mais cedo possível, em idades mais avançadas a terapêutica adotada promove a independência do paciente, faz com que o mesmo possua relacionamentos de afetividade, que a princípio é um dos alicerces do comportamento que são influenciados pela patologia. Promove também segurança aos responsáveis, assegurando a eles o melhor desenvolvimento a criança com TEA.

Como resultado, é de suma importância fomentar sobre o toque afetivo de maneira restrita, ou seja, utilizar essa ferramenta de comunicação afetiva não-verbal, principalmente durante os procedimentos invasivos a fim de amenizar as reações da criança. Devido isso no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). O assunto não se esgota com esse trabalho, sendo necessário uma pesquisa mais ampla, podendo se criar uma cartilha sobre o assunto, contendo informações básicas para que se tenha um conhecimento prévio sobre e como lidar com a mesma, influenciando sua qualidade de vida e inserindo esta família no contexto social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline Abreu et al. Família e autismo: uma revisão da literatura. Contextos Clínicos, v.5, n.2, p.133-142, 2012.

ANDRADE, Fabiana Azevedo de; RODRIGUES, Lilian Cavalheiro. Estresse familiar e autismo; estratégias para melhoria da qualidade de vida. Psicologia IESB, v.2, n.2, 2010.

BERTONE, A. R. T.; WINGESTER, E. L. C. Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. Synthesis Revista Digital Fapam, Pará de Minas, v.7, n.7, p.131-148, dez 2016

BARBOSA, P. A.S.; NUNES, C. R. Relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro autista. Revista Científica Interdisciplinar, São Carlos, v.2, n.2, p.100-196, dez. 2017

CAMARGO, Sígilia Pimentel Hoher et al. Competência social, inclusão escolar e autismo:

Revisão crítica da literatura. *Psicologia e Sociedade*, v.21, n.1, p.65-74, 2009.

CAMARGO, S.P.G. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia Revista*, 2014.

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. *Pediatria (São Paulo)* 2010;32(4):255-60.

DE OLIVEIRA, Edson Alves. Delimitando o conceito de stress. *Ensaio e Ciência*, v.1, n.1, p. 11-18, 2006.

FÁVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, MA dos. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n.3m p; 358-369, 2005.

FONSECA, M.O et al. Significado da terapia de grupo para crianças autistas: percepções das mães. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v.9, n.2, p.278-284, 23 set. 2010 - Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/ciencucuidaude.v9i2.8844>> Acesso em: 10 agosto 2019

GILLBERG, C.; Transtorno do espectro autista: Associação de amigos do Autista (AMA), dez. 2015. Disponível em: www.ama.org.br/apre_arti.php?cod=6 . Acesso em: 10 agosto 2019.

LAMPREIA, Carolina. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. *Estudos de psicologia*, v. 24, n.1, p. 105-114, 2007.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em perspectiva*, v.14, n.2, p.51-56, 2000.

MONTEIRO, C. F. S. et al. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. *Rev. bras. enferm.* vol.61 no.3 Brasília May/June 2008.

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; Rio, Susana Carolina Moreira Martins do. A família com criança autista: apoio de enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, v.5, p. 16-21, jun. 2011).

NOGUEIRA, M.A.A. A família com criança autista. *Enfermagem de saúde mental*. 05 jun. 2011.

PANIAGUA, Gema et al. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In.: COLL, C. et al. *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SEMENSATO, Márcia Rejane; SCHMIDT, Carlo; Bosa, Cleonice Alves. Grupo de familiares de pessoas com autismo: relato de experiências parentais. *Aletheia*, n. 32, p.183-194, 2010.

SENA, R.C.F. ET AL. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. Revista de pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, v.7, n.3, p.2707-2716, 1 jul. 2015. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO

SCHIMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.59, n.2, 2007.

SOUSA, B.S.A. et al. A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. Saúde e Pesquisa, Maringá, v.01, n.11, p.163-170, 22 fev. 2018

SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. Dinâmica familiar de crianças autistas. Arquivo de Neuropsiquiatria, v.59, n.2-A, p. 230-237, 2001.

SANTOS, M.F.S., M.A. Representações Sociais de Professores Sobre o Autismo Infantil. Psicologia & Sociedade, 2012.

Sobre os Autores

Rafaela Lopes Gomes dos Santos Oliveira 1: Aluna graduanda do curso de Enfermagem da IES Centro Universitário Redentor. E-mail: rlopes981@hotmail.com

Aline Cunha Gama Carvalho 2: Mestre em Terapia Intensiva pela sociedade brasileira de Terapia Intensiva (concluído em 2011), especialização em Terapia Intensiva UFF (concluído em 2004), MBA em gestão acadêmica e universitária – Carta Consulta (concluído em 2015), pós graduação em Gestão Educacional em IES, área de conhecimento educação (concluído em 2015), pós graduação em Saúde da Família, área de conhecimento e bem estar social (concluído em 2016), curso de capacitação em serviço para portadores de Diploma do nível superior (concluído em 2007). Professora da UniRedentor, no curso de Medicina. E-mail: alicecgcarvalho@yahoo.com.br